

## AMENOS DESERTOS

(EM TORNO DAS ÉCLOGAS DE FREI AGOSTINHO DA CRUZ)

VANDA ANASTÁCIO

*A Fr. Agostinho da Cruz, religioso da Arrábida,  
e insigne poeta do século de 500*

Melífluo cantor, suave Agostinho  
Brando Cisne imortal, glória do Lima,  
Que cantaste contrito a quem estima  
O cantar do inocente passarinho;

Pois viste quão errado era o caminho  
Do Mundo, que com falso engano amima,  
Ouvindo com prazer a voz de cima,  
Que te fez arrancar do pátrio Minho,

Tu na lapa da santa Margarida,  
Que na Arrábida serra o bravo Oceano  
Batendo, sem cessar, a fez comprida,

Na lira que cantou amor profano,  
Tu cantaste com voz arrependida  
O puro amor divino, e o desengano.

*Francisco Joaquim Bingre (1763-1856)*

Apesar de ser autor de uma vasta obra poética, Frei Agostinho da Cruz (1540-1619) tem sido frequentemente esquecido pela crítica dos últimos dois séculos.<sup>1</sup> Para que assim seja contribuem diversos fac-

---

<sup>1</sup> A necessidade do estudo sério da sua obra tem sido assinalada ao longo do tempo por alguns investigadores, de Carolina Michaelis (1924) a Luís Sá Fardilha

tores: o facto de a sua obra não ter sido publicada em vida e suscitar em certos casos, por esse motivo, dúvidas de autoria condicionou, sem dúvida, o modo como tem sido recebida. Da mesma maneira, o facto de a única edição da obra completa se encontrar esgotada há mais de meio século e de ainda hoje não ter sido feita uma edição crítica da totalidade da sua produção literária, contribui, com certeza, para este estado de coisas <sup>2</sup>. Mas, neste aspecto, a obra de Frei Agostinho da Cruz partilha, simplesmente, do destino da de muitos outros excelentes autores do século XVI (como Pero de Andrade Caminha, Diogo Bernardes, André Falcão de Resende, D. Manuel de Portugal, etc.) cuja importância parece ter sido ofuscada, aos olhos dos estudiosos, pelo brilho da glória póstuma de Camões. No caso de Frei Agostinho, este esquecimento pode também dever-se a um outro aspecto, intrínseco à sua obra: trata-se exclusivamente de poesia religiosa, centrada sobre questões como a vida contemplativa, o aperfeiçoamento espiritual através do despojamento de si, a apologia da pobreza, da renúncia ao mundo, da busca do isolamento, do silêncio e da penitência que são, se não incompreensíveis para o leitor médio dos nossos dias, pelo menos marginais em relação às suas preocupações.

Deste ponto de vista existe um abismo intransponível entre a segunda metade do século XVI, em que Frei Agostinho da Cruz viveu, e os séculos XIX e XX. De facto, a Reforma religiosa a que se assistiu então teve reflexos directos na sociedade e nas preocupações daqueles que a viveram. <sup>3</sup> Lembremos que a obra que teve em Portugal

---

(1994) passando por Victor Manuel de Aguiar e Silva (1971) e Maria de Lourdes Belchior (1971) mas, de facto, continua a ser ainda hoje um poeta escassamente editado, pouco lido e ainda menos estudado.

<sup>2</sup> Referimo-nos à edição de Joaquim Mendes dos Remédios, *Obras de Frei Agostinho da Cruz conforme a edição impressa de 1771 e os códices manuscritos das Bibliotecas de Coimbra, Porto e Évora*, Coimbra, França Amado Editor, 1918, pela qual citamos. Foi feita uma edição mais recente, infelizmente limitada às elegias e aos sonetos do frade por António Gil Rafael: *Frei Agostinho da Cruz, Sonetos e Elegias*, Lisboa, Hiena, 1994.

<sup>3</sup> Recordemos as palavras de Anne Marie Quint in *L'Imagem da Vida Cristã de Frei Heitor Pinto. Essai d'interprétation du langage figuré chez un humaniste chrétien*, Paris, Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 1995, p. 17: «Historiens et poètes témoignent, pour leurs contemporains comme pour les siècles suivants, du caractère exceptionnel de l'aventure maritime. Cependant, si présente qu'elle soit dans les lettres portugaises, cette aventure n'est qu'un thème privilégié dans une époque marquée, pour l'Occident chrétien, par un renouvellement des modes de pen-

maior difusão editorial, o *best-seller* da época, como já foi designado <sup>4</sup>, foi a *Imagem da Vida Cristã* de Frei Heitor Pinto, livro que consiste na divulgação, em vernáculo e sob a forma de diálogos, das grandes questões teológicas e doutrinárias em debate na época. Nasceu em 1540 e tendo crescido em pleno ambiente da Contra Reforma, Frei Agostinho da Cruz manifesta, na sua maneira de encarar a fé, a vocação religiosa e o destino espiritual do ser humano uma visão pós tridentina que o aproxima de outros homens da sua geração.

Um olhar sobre a obra de S. João da Cruz (1542-1591) por exemplo, pode ser, a este respeito, revelador, não só pela proximidade etária e porque ambos professaram no mesmo momento das suas vidas (aos 21 anos) mas, sobretudo, porque em ambos encontramos a mesma austeridade, a mesma sede de absoluto, o mesmo desprezo pelos valores mundanos e a mesma busca de silêncio, de isolamento, de um abandono da vontade própria que é quase um esvaziamento, apresentado como meio privilegiado de ascese. Poderíamos ainda, apesar das diferenças que os separam, encontrar um outro ponto comum entre estes dois homens, directamente relacionado com o tema deste trabalho: é que, quando se dedicam à poesia, ainda que tratem apenas de questões religiosas, ambos recorrem àquilo a que poderíamos chamar *a língua poética do tempo* praticando os mesmos subgéneros poéticos, imitando os mesmos modelos e recorrendo aos mesmos artifícios de estilo que os autores da poesia profana coeva.

Irmão de Diogo Bernardes, Frei Agostinho da Cruz passou a sua adolescência no meio cortesão. Sabemos pelos seus biógrafos <sup>5</sup> que entrou, aos catorze anos, para o serviço do Senhor D. Duarte, Duque de Guimarães e neto de D. Manuel. Data desse período, certamente, a amizade com o Duque de Aveiro D. Álvaro, com cuja família Frei Agostinho parece ter mantido contactos até 1605, data em que conse-

---

sée, de vie, de sensibilité intellectuelle et spirituelle. La Réforme religieuse a été pour les esprits et la société un événement aussi important que les Grandes Découvertes.»

<sup>4</sup> A expressão é ainda de Anne-Marie Quint, *op. cit.*, p. 17. Veja-se, a este respeito o trabalho fundamental de Francisco Leite Faria, «O maior sucesso editorial do século XVI: a *Imagem da Vida Cristã* de Frei Heitor Pinto» *Revista da Biblioteca Nacional*, Lisboa, série 2, vol.2, Julho-Dezembro de 1987, pp. 83-110.

<sup>5</sup> Frei António da Piedade, *Espelho de Penitentes e Chronica de Santa Maria da Arrábida*, Lisboa, 1728 e José Caetano de Mesquita e Quadros, *Vida do Venerável Padre Frei Agostinho da Cruz*, Lisboa, na Régia Off. Typ., 1793.

gue obter a autorização do Padre Provincial para viver como eremita na serra da Arrábida. O frade refere-se com alguma frequência, sobretudo nas éclogas, aos duques de Aveiro e não é de rejeitar a possibilidade de que os poemas em que se debatem os perigos e os atractivos da vida religiosa para as mulheres (éclogas XVII e XIX), tenham sido compostos em intenção das filhas do casal, quatro das quais se fizeram freiras.

Porque escreve Frei Agostinho da Cruz? Porque motivo continuou a dedicar-se à poesia um homem que renunciou ao mundo e ao convívio para ingressar numa das ordens de regra mais exigente do seu tempo? <sup>6</sup> Encontramos a resposta a estas questões inscrita nos seus textos. Partindo da leitura destes, fica claro que se trata de uma obra regida por uma intenção fundamental. Nas palavras de Frei Agostinho da Cruz, os seus versos destinam-se a «plantar em tenros peitos / Desejos de colher divinas flores» <sup>7</sup> a «acender os frios peitos» <sup>8</sup> e a «Avisar, reprender alguém por verso» <sup>9</sup>. Veremos em segui-

---

<sup>6</sup> Frei António da Piedade, *Op. cit.*, Lisboa, 1728. Leiam-se ainda os comentários de Maria de Lourdes Belchior, «Frei Agostinho da Cruz: poesia e mística» in *Os Homens e os Livros. Séculos XVI e XVII*, Lisboa, Verbo, 1971, p. 48: «Os capuchos, sob o signo e a influência de S. Pedro de Alcântara, homem de austeríssima rigidez, quase desumana nos excessos da mortificação, tinham-se estabelecido, na Arrábida, na via eremítica, desde 1539, quando para ali viera, de Múrcia, Frei Martinho de Santa Maria. (...) A presença de Frei Pedro de Alcântara marcou, profundamente, a espiritualidade dos Capuchos que praticavam rigorosíssima penitência, visando a destruir, no homem, a tríplice concupiscência que o enraíza em si e no mundo.» Eis o resumo da regra da Ordem apresentado pela mesma autora, p. 49: «A regra obrigava os frades a andarem vestidos de pano vil e grosseiro, remendado até ao fio, e descalços; dormiam sobre uma esteira ou cortiça; jejuavam a pão, água e poucas ervas cozidas; guardavam silêncio, e, além da reza do ofício Divino, faziam, todos os dias, três horas de oração mental.»

<sup>7</sup> Soneto II, vv. 10-14: «Pois não os escrevi [*aos versos*] para louvores / Humanos, pelo menos perigosos, // Senão para plantar em tenros peitos / Desejos de colher divinas flores / À força de suspiros saudosos.»

<sup>8</sup> Elegia XV, vv. 46-47: «Não falta quem me diga que componha / Versos para acender os frios peitos, »

<sup>9</sup> Écloga XI, vv. 34-42: «Na solitaria minha lapa, estreita / (Minha não digo bem, antes alhea; / Pois seu dono, se quer, della me deita.// Não me falta que faça, escreva ou lea, / Do que foi, do que vai, e donde pára / Quem funda o gosto seu em leve arêa? // E se por tantas vezes não tentara / Avisar, reprender alguém por verso, / Ainda agora aqui me não calara.»

da que encontrou, na poesia pastoril, um meio privilegiado de levar a cabo esse desígnio apostólico.

Raros foram os poetas do Renascimento que escaparam ao fascínio da poesia pastoril. No caso português, praticamente todos os autores cujos poemas chegaram até nós cultivaram o género, partindo de modelos comuns (Virgílio, Sannazaro e Garcilaso de La Vega, principalmente) que são trabalhados de forma a exprimir, em cada caso, uma visão do mundo particular <sup>10</sup>. Entre as abordagens da poesia bucólica desta época, as dezanove élogos de Frei Agostinho da Cruz destacam-se pelo seu carácter singular <sup>11</sup>.

O interesse de Frei Agostinho da Cruz pela poesia pastoril é, em grande medida, um produto da sua época. A voga do bucolismo, que se difunde no Renascimento pela mão de Dante e de Petrarca <sup>12</sup> está estreitamente relacionada com os valores postos em voga pelo Humanismo, nomeadamente com a crença na restauração dos ideais de moralidade e de espiritualidade atribuídos à Antiguidade Clássica.

---

<sup>10</sup> Para além das élogos de Frei Agostinho da Cruz que aqui nos ocupam, conhecemos cinco élogos de Bernardim Ribeiro, nove de Sá de Miranda (apesar de a contagem se tornar difícil devido à existência de várias versões de uma mesma élogos tão diferentes entre si que poderiam ser contadas como diferentes poemas), de António Ferreira preservam-se doze, de Camões oito, de Pero de Andrade Caminha quatro e de Diogo Bernardes vinte. Para uma visão panorâmica das élogos dos poetas portugueses deste período ver: Vanda Anastácio, «Imitação e Géneros poéticos 5. As élogos» *Visões de Glória (uma introdução à poesia de Pero de Andrade Caminha)*, Lisboa, JNICT-Fundação C. Gulbenkian, 1998, pp. 169-207.

<sup>11</sup> Frei Agostinho da Cruz (1540-1619) é um dos poetas portugueses quinhentistas de quem conhecemos maior número de élogos. O número que referimos é o resultado da soma dos textos do género que figuram na edição de Joaquim Mendes dos Remédios, *op. cit.*, e dos inéditos publicados por Vítor Manuel de Aguiar e Silva, *Maneirismo e Barroco na Poesia Lírica Portuguesa*, Coimbra, Centro de Estudos Românicos, 1971 e por Maria Teresa Leal de Martínez «Um Cancioneiro de Frei Agostinho da Cruz» Separata de *Ocidente*, vol. LXXXII, Lisboa, 1972. É possível, no entanto, que não conheçamos ainda a totalidade dos poemas bucólicos escritos pelo frade. Barbosa Machado, por exemplo, no artigo da *Biblioteca Lusitana* que lhe dedica (tomo I, p. 65) refere a existência de 21 élogos do poeta incluídas numa «collecção poetica» hoje perdida «feita à petição da Duquesa de Aveyro» e dedicada «à mesma Senhora, da qual existia hum treslado na Bibliotheca do Cardial de Souza.»

<sup>12</sup> Recorde-se a famosa correspondência sobre o assunto trocada entre Dante e o mestre de retórica Giovanni da Virgilio e, ainda, as reflexões de Petrarca no seu *Bucolicum carmen*.

Neste contexto, o ambiente pastoril era identificado com a Idade do Ouro, referida por alguns autores clássicos (Hesíodo, Homero, Ovídio, Virgílio) como um estado de paz e de abundância anterior à vida em sociedade, um tempo em que o ser humano teria vivido em harmonia com o seu semelhante. Esta Idade inicial perdida (que apresenta traços comuns às descrições do paraíso cristão) é constantemente referida na poesia bucólica do Renascimento. Está implícita, por exemplo, nas descrições da Natureza que veicula, onde esta surge como uma entidade animada, divinizada, compassiva, protectora, confidente, etc., e encontra-se subjacente à onomástica das personagens que põe em cena <sup>13</sup>, bem como à caracterização destas a partir de qualidades como a bondade, a fidelidade, a sinceridade, a simplicidade ou o amor.

Inserindo-se numa tradição que remonta a Teócrito e a Virgílio, as éclogas desta época apresentam limites temáticos muito amplos, tendo em comum, apenas, a idealização da vida simples no seio da Natureza, atribuída aos pastores, aos pescadores e, por vezes, aos simples camponeses. Do ponto de vista formal, a diversidade é igualmente notável, sobretudo depois do trabalho renovador de Jacopo Sannazaro o qual, no início do século XVI, leva a cabo uma verdadeira recriação dos modelos clássicos, na *Arcádia*, admitindo nas suas éclogas a *terza rima*, a canção petrarquista, a sextina e a *rimalmezzo* que surge, por vezes, acoplada, num mesmo poema, a estrofes não isométricas de extensão variável.

Por outro lado, apesar de evocar um universo fictício, a poesia bucólica apresentou-se desde muito cedo como um discurso susceptível de uma leitura dupla <sup>14</sup>, uma idealização sob a qual era possível

---

<sup>13</sup> Recordamos as palavras de Herman Inventosh, *Los nombres bucólicos en Sannazaro y la pastoral española. Ensayo sobre el sentido de la bucólica en el Renacimiento*, Madrid, Castalia, 1975, p. 17: «En el Renacimiento sucedió algo interesantísimo y muy significativo: se creó una onomástica casi totalmente nueva para un género literario particular, el pastoril.»

<sup>14</sup> Esta característica do género fora já explicitamente referida por Petrarca, no prefácio do seu *Sine nomine liber* onde afirma que a poesia bucólica é um «poematis genus ambigui» e ainda na sua famosa carta ao irmão, (*Familiares*, X,4) onde explicita as alusões escondidas sob o disfarce pastoril na sua primeira égloga, *Parthenias*. A este respeito, ver: Rita Marnoto «O bucolismo como modo e como género» in *A Arcadia de Sannazaro e o Bucolismo*, Coimbra, Faculdade de Letras, 1995, 15-25 bem como Erwin Panofsky, «Et in Arcadia Ego», *Philosophy and His-*



vislumbrar - e visar - o mundo real. Assim, os nomes dos pastores são frequentemente anagramáticos dos de personagens conhecidas e a alusão a acontecimentos concretos é recorrente. No entanto, todas as referências ao mundo exterior à ficção surgem revestidas do disfarce pastoril, o que as torna, por vezes, acessíveis apenas a alguns destinatários privilegiados munidos da chave (e sabedores dos pormenores de contexto) que permite o acesso à sua interpretação. No seu tratamento da écloga, Frei Agostinho da Cruz comporta-se, em muitos aspectos, como os seus contemporâneos. Mas, ao colocar a sua prática poética ao serviço do ideal cristão que o move, este autor acrescenta ao universo pastoril uma nova dimensão significativa que merece a nossa atenção.

Do ponto de vista formal, predominam nas éclogas de Frei Agostinho da Cruz as formas «novas» em decassílabos (resultado da adaptação do hendecassílabo italiano à contagem portuguesa) entre as quais figura o soneto, que não foi usado em contexto idêntico nem por Sannazaro, nem pelos bucolistas peninsulares anteriores. O conhecimento dos modelos peninsulares é também visível no recurso, não apenas à *ottava rima*, que encontramos nas poesias bucólicas dos pioneiros Sá de Miranda e Garcilaso de la Vega mas, também, à cantiga de mote e voltas <sup>15</sup>, no que parece ser a adaptação, ao *topos*

---

*tory: Essays Presented to Ernst Cassirer*, Oxford, 1935, 295-320, Brian Loughrey (org.) *The Pastoral Mode*, London, Macmillan, 1993 e William Kennedy, *Jacopo Sannazaro and the uses of Pastoral*, Hanover and London, University Press of New England, 1983.

<sup>15</sup> Por uma questão de comodidade numerámos as éclogas de Frei Agostinho da Cruz, da seguinte maneira: écloga I: «Lançou-se Limabeu antre huns penedos», écloga II: «Trazes mudada a cor, mudado o rosto»; écloga III: «Mais cedo te buscara se não fora»; écloga IV: «Se tu para tão longe te partias»; écloga V: «Que buscas por aqui por esta serra»; écloga VI: «O meu cordeiro branco que saltava»; écloga VII: «Eu tenho para mim (segundo as queixas»; écloga VIII: «Enquanto se dilata a pescaria»; écloga IX: «Duas cousas receio, duas faço»; écloga X: «Queres ouvir contar hum pescador»; écloga XI: «Aparta-se de vós, desaparece,»; écloga XII: «Espera, porque foges, Limabeu?»; écloga XIII: «Alegre venho a ver-te no teu ermo»; écloga XIV: «Que novas me darás de nosso amigo»; écloga XV: «Pois que nos ajuntamos nesta praia»; écloga XVI: «Ouvi soar as frautas dos pastores»; écloga XVII: «Depois que já de todo está cuberto»; écloga XVIII: «Se te foi mal ou bem junto do Tejo»; écloga XIX: «Quem diz que não há fado nem estrela». Citamos pela edição de Mendes dos Remédios, *op. cit.* e, no caso das éclogas que aí não figuram, por Aguiar e Silva, *op. cit.*

do canto ao desafio, da estrutura tradicionalmente usada para esse efeito na Península Ibérica. Vejamos como se distribuem:

#### UM ÚNICO SISTEMA ESTRÓFICO

*Terza rima*

éclogas I, III, V, VI, VII,  
VIII, IX, XI,  
XIII, XIV, XVI,  
XVII, XIX

#### COMBINAÇÃO DE DOIS SISTEMAS ESTRÓFICOS

*terza rima + rimalmezzo*

éclogas II e IV

*terza rima + ottava rima*

éclogas XV e XVIII

*terza rima + cantiga de mote e voltas*

écloga X

#### COMBINAÇÃO DE MAIS DE DOIS SISTEMAS ESTRÓFICOS

*terza rima + rimalmezzo + soneto + ottava rima*

écloga XII

A nítida preferência de Frei Agostinho da Cruz pela *terza rima* (usada em 13 dos 19 poemas que reunimos) contribui para o situar na tradição que referimos. Lembra, uma vez mais, a prática de Sannazaro (que a ela recorre em 5 das suas 12 éclogas) e aproxima-o de alguns dos poetas mais significativos da geração anterior, como António Ferreira (que assim compõe 6 das suas 12 poesias deste tipo), Diogo Bernardes (em 8 das suas 20 éclogas) e Pero de Andrade Caminha (em duas das 4 poesias bucólicas que se preservam). Revestem-se de especial interesse os dois esquemas que detêm o segundo lugar nas preferências do frade: a combinação *terza rima + rimalmezzo*, para além de ter sido empregue por Sannazaro, fora também praticada nas éclogas de Sá de Miranda, de Andrade Caminha e de Bernardes e a combinação *terza rima + ottava rima* - que Sannazaro não emprega nunca na *Arcadia* -, tem antecedentes portugueses ilustres em António Ferreira, Diogo Bernardes e Camões.

Mas não são apenas as estruturas usadas por Agostinho da Cruz que situam a sua prática. A consciência de se integrar na tradição clássica renovada pelo Renascimento é claramente enunciada pelo autor. Referimo-nos, por exemplo, à menção, ainda que feita, por vezes, de passagem, a alguns lugares comuns do género. Referimo-nos às apostas entre pastores (éclogas IX e XII), ao poder transformador do canto (écloga X), à inscrição de versos nas árvores (écloga XVIII), ao canto dialogado de dois pastores ao desafio (éclogas III, XV e XVIII) ou à caracterização da Natureza como lugar privilegiado das queixas de amor (éclogas I e IX). Do mesmo modo, também na onomástica



escolhida pelo frade capuchinho para os seus pastores e pescadores <sup>16</sup> encontramos a mesma concepção renascentista, no evocar da proximidade com o mundo natural: é o caso, por exemplo, de Silvestre, Fontano, Liana ou mesmo de Lauro e de Laurino, apesar das conotações petrarquistas inevitavelmente associadas a estes últimos. Convivem com estes, nomes derivados de rios, como Limabeu e Limiana, e de locais geográficos, como Galapo e Alportuxo. Por fim, num procedimento ilustrativo do tipo de problemática veiculada nestas éclogas, topamos ainda com nomes que remetem para a espiritualidade, como Benedito e os derivados de «alma», Almilão e Almina.

O diálogo com os modelos anteriores é ainda observável a outros níveis, quer através de referências feitas a poetas que surgem designados nos textos do frade pelos seus nomes pastoris ou pelos de personagens das éclogas que escreveram <sup>17</sup>, quer na tradução livre de versos das *Eclogae* de Virgílio, o modelo por excelência dos autores bucólicos peninsulares. Exemplos particularmente flagrantes deste procedimento são os versos 210-218 da écloga II do capuchinho, adaptados do final da écloga I do poeta latino (versos 79-83):

|   |   |
|---|---|
| A sombra dos outeiros vai decendo,      | Hic tamen hanc mecum poteris requiescere noctem |
| O fumo das aldeas vai subindo,          | fronde super viridi: sunt nobis mitia poma,     |
| Quero-me ir com meu gado recolhendo.    | castaneae molles et pressi copia lactis;        |
|   | et iam summa procul villarum culmina fumant     |
| Temos do leite, e nata, e do pão trigo, | maioresque cadunt altis de montibus umbrae.     |
| Castanhas e maçãs, e mais da boa        |   |
| Vontade, de que sei que és mais amigo.  |   |

<sup>16</sup> São piscatórias as éclogas VIII, IX, X, XI, XII e XV.

<sup>17</sup> É assim que lemos as referências a Palemo e Marfida, pastores virgilianos evocados na écloga VIII: «Dart’ei que leves mais um passarinho / De verde, azul, e branco salpicado, / Que sem pena furtei à mãe do ninho. // Dentro do búzio irá todo pintado / De pardo, e de vermelho, *que Palemo / Para Marfida tinha soterrado.*» vv. 64-69 e ainda: «*Que desculpas darás a tão imensa / Culpa da fé, Marfida, que quebraste, / Se não se contra amor não houve offensa? // Que negar tu não podes que negaste / Aquelle firme teu primeiro amante, / Depois que Diamante te tornaste*» vv. 76-81 bem como a menção de Mincio para designar Diogo Bernardes e de Bieito e Rodrigo para aludir a Sá de Miranda, na écloga III. A forma como este último é aqui caracterizado, como exemplo de conduta moral a imitar aproxima Frei Agostinho da Cruz da generalidade dos poetas da geração anterior (Bernardes, António Ferreira, Pero de Andrade Caminha, etc.) que também o encaram deste modo: «Na requia esteja a alma de Bieito, / Que fugio de pastar junto do Tejo, / Que era homem que queria andar direito.» (vv. 19-21). A propósito do nome pastoril «Mincio», usado também por Bernardes ver Hemetério Arantes, *Frei Agostinho da Cruz. Notas à margem d’uma Historia dos Quinhentistas*, Lisboa, Liv. Edit. Guimarães e Cia, 1909.

das referências contidas nos versos 1-9 da écloga III de Frei Agostinho, inspiradas nos versos 30-34 na écloga III de Virgílio:

|                                      |   |
|--------------------------------------|---|
| Mais cedo te buscara se não fora     | depono: tu dic, mecum quo pignore certes.               |
| Este gado que guardo da Madrasta,    | <i>Men.</i> De grege non ausim quicquam deponere tecum: |
| A quem querem que falle por senhora. | Est mihi namque domi pater, est iniusta noverca,        |
|                                      | bisque die numerant ambo pecus, alter et haedos         |

Seu avô lho sonhou, pois lhe não basta  
Deixar-lhe minha mãe a casa chea,  
Se não inda com seus filhos se agasta.

Porém se m' ella a mim muito esquerdea  
Pode ser que lhe faça huma, e boa,  
Que tenha que falar a nossa aldeia.

ou ainda o início da écloga XV do eremita da Arrábida, adaptado do início da écloga V do mesmo modelo:

|                                      |   |
|--------------------------------------|---|
| Pois que nos ajuntamos nesta praia,  | Cur non, Mopse, boni quoniam convenimus ambo, |
| Cantemos a que vimos, nesta tarde,   | tu calamus inflare levis, ego dicere versus,  |
| Antes que lá da Serra a sombra caia. | Hic corylis mixtas inter consedimus ulmos?    |

A imitação de Virgílio explica também que as raras referências temporais (presentes em apenas sete dos dezanove textos de que aqui tratamos) correspondam ao final da tarde, invocado geralmente como motivo para a separação dos interlocutores <sup>18</sup> ainda que também se verifiquem ocorrências onde seja apresentado (à semelhança de Sannazaro) como o momento mais propício ao canto <sup>19</sup>.

As possibilidades de dupla leitura que fazem parte, como vimos, da definição do género, são também exploradas por Frei Agostinho

---

<sup>18</sup> Leiam-se os exemplos seguintes, do que acabamos de dizer: «A sombra dos outeiros vai decendo, / O fumo das aldeas vai subindo, / Quero-me ir com meu gado recolhendo.» écloga II, vv. 210-212; «Prouvera a Deus que o dia mais durara, / Ou que estivera mais perto a malhada, / Que esta noite contigo aqui ficara.» écloga III vv. 89-91; «Vai-se fazendo tarde, o sol é posto» écloga IV, v. 93; e, por fim: «Antes que o sol mais tire o que nos dá / Vamos atravessando este arvoredo / Onde outra mais fermosa lapa está.» écloga XVII, vv. 214-216.

<sup>19</sup> Vejam-se, a este respeito, os exemplos seguintes: «O bom será cantar uma cantiga / Em louvor desta sesta, nesta praia. // Esperemos um pouco antes que caia / A sombra lá da Serra; [...]» écloga X, vv.38-41; ou: «Aparta-se de vós, desaparece, / Agoas do mar azul, o sol dourado, / Ou com meu triste pranto s'escurece.» écloga XI, vv. 1-3 ou ainda: «Pois que nos juntamos nesta praia, / Cantemos a que vimos, nesta tarde, / Antes que lá da Serra a sombra caia.» écloga XV, vv. 1-3.

da Cruz. Assim, este autor recorre a éclogas para assinalar ocasiões solenes <sup>20</sup> e alude frequentemente, nestes textos, a circunstâncias concretas. É o que depreendemos das menções à interrupção a contra gosto da vida de isolamento por parte de um dos pastores (éclogas VII e XVI), a intrigas conventuais que teriam motivado uma inspecção do Padre Geral (écloga XIII), a mal entendidos entre os frades (écloga XIV), etc. Do mesmo modo podem ser entendidas as numerosas alusões a um amor infeliz de juventude - anterior à descoberta do amor divino -, bem como à ingratidão de amigos e de príncipes. Mas a presença destes elementos autobiográficos tem que ser lida no contexto da obra aqui em análise. É impossível, hoje, destrinçar com exactidão a componente biográfica do valor simbólico que estes episódios adquirem no universo poético das éclogas deste autor. Acima de tudo, Frei Agostinho da Cruz transporta para o mundo pastoril as mesmas inquietações de natureza religiosa que se nos deparam na sua restante poesia. Ao carácter circunstancial destes elementos sobrepõem-se as reflexões que os enquadram, de índole teológica e mística.

Porque permitem a encenação de um diálogo entre diversos interlocutores, as éclogas tornam-se um lugar privilegiado para a exposição didáctica dos argumentos destinados à conversão, que assim podem ser apresentados de forma dramatizada. Por exemplo: dois pastores comentam entre si a vida virtuosa de um terceiro apresentada como um exemplo a seguir (écloga II); ou: dois pastores ou duas pastoras chegam à conclusão de que têm em comum o desejo de deixar o mundo para se entregarem totalmente ao amor de Deus (éclogas III, V, XVII, XVIII); ou: o exemplo de santidade de um pastor ou pescador leva outros a querer segui-lo (IX); ou: um pescador explica a outro o contraste entre o sofrimento causado pelo amor profano e as alegrias do amor divino (écloga VIII); ou: um pastor, pastora ou pescador conta a outros ou à natureza os motivos que o levou a escolher a vida solitária (éclogas IV, XII, XIII, XVII, XIX), ou ainda: pastores, pastoras ou pescadores queixam-se do sofrimento causado pela vida em sociedade e elogiam a vida dedicada à elevação do espírito (éclogas I, II, VII, X, XII, XIII, XVI, XVIII), etc.

Das especulações e dos debates que assim são postos em cena fica bem claro que a vida religiosa é o resultado de uma tomada de

---

<sup>20</sup> É assim festejado um nascimento (écloga X), têm valor epitalâmico as éclogas XV e XVIII e a écloga VI refere uma ocasião fúnebre.

consciência - que o autor designa por «desengano» <sup>21</sup> (tomando assim uma palavra chave da poesia amorosa sua contemporânea e adaptando-a ao contexto religioso) -, a que se chega através do sofrimento causado pela vida em sociedade. Entre os malefícios desta, há dois que são apontados com tanta frequência que adquirem valor paradigmático: a ingratidão (de amigos, familiares e príncipes) <sup>22</sup> e o amor não correspondido <sup>23</sup>. Independentemente das relações com episódios biográficos que se possam estabelecer, estas situações são aqui caracterizadas como meios privilegiados para conduzir à mudança interior que a conversão pressupõe <sup>24</sup>. Ao longo das éclogas, Frei Agostinho da Cruz ocupa-se em trabalhar estes tópicos, não só apresentando casos de pastores e de pastoras que escolhem o isolamento depois de experiências deste tipo, mas apontando, com frequência, o exemplo de Maria Madalena (nas éclogas V, VI, XVIII, XIX) como paradigma da mudança de vida provocada pelo arrependimento e pelo sofrimento. Chega a afirmar que a santa deve ser imitada por quem deseja «renovar-se»:

---

<sup>21</sup> Entre os numerosos exemplos que poderíamos citar destacamos os seguintes, onde o valor atribuído a esta palavra é bem claro: «Aquillo (começou) que vos contava, / Plantas, agoas, penedos, foi engano; / Já me desenganou quem me enganava.» écloa I, vv. 7-9 ou: «Folgo de te ver já desenganado. / Ninguém me há de tirar do meu juízo: / No mundo ninguém vive consolado» écloa II, vv. 4-6; ou ainda: «Confesso que fui sempre afeiçãoado / A solitarios bosques do deserto, / Que ensinam a viver desenganado.», écloa VII, vv. 91-93.

<sup>22</sup> O valor poético da ingratidão é especialmente trabalhado na écloa IV, onde, a par das queixas do sofrimento que causara no sujeito é comparada aos exemplos bíblicos famosos de injustiças cometidas por irmãos, familiares ou amigos de Caim e Abel, José do Egipto, Nabuco, e Job.

<sup>23</sup> A frequência das alusões a estas situações na poesia do frade chamara já a atenção da crítica do início do século e Carolina Michaëlis de Vasconcellos chega até a tomá-las como características identificadoras do autor, ao afirmar in *A Questão da Naturalidade de Diogo Bernardes e Frei Agostinho da Cruz*, Ponte de Lima, Tipografia Guimarães, 1924 (separata do Almanaque de Ponte de Lima, 1923), p. 1: «[...] aquele Agostinho Pimenta que, ferido perto dos vinte pelas sêtas do Amôr e envenenado por difamação, se fez Capuchinho: o místico penitente Frei Agostinho da Cruz.» Devemos também à Doutora Lourdes Rosa a amável indicação bibliográfica deste artigo de D. Carolina.

<sup>24</sup> Esta mudança corresponde, também, nas palavras do poeta, a uma mudança dos «versos»: «Quão diferentes versos chora, e canta / Quem dos suspiros d'alma anda colhendo / Quanto amor divino semeia, e planta?» in écloa II, vv. 207-209.

Muito pequena coisa turba, e dana  
Huma composição clara, e serena,  
Enquanto respirar na vida humana!

Foge do povoado a Magdalena,  
Vai fazer no deserto vida nova  
Depois de ter perdão da culpa, e pena.

Alli mettida dentro numa cova  
Chora, suspira, geme noite, e dia;  
D' uma noutra aspereza se renova

Procure quem quiser a companhia,  
Branda conversação d' outros pastores,  
Que só me quero a mim por outra via.  
(Écloga VI, vv.58-69)

e apresenta esta mudança de vida como sendo a *preferida* por Deus:

Inda que Christo a Martha não condena  
Ocupada em serviço diferente,  
Diz que escolheu melhor a Madalena.»  
(Écloga V, vv.163-165)

Em contraste com a caracterização do convívio, a vida solitária no meio da Natureza, é vista como algo capaz de proporcionar a quem a segue, não só a «segurança» <sup>25</sup> de viver desprendido de tudo o que é mutável:

Mas pois tudo se vai contrariando  
Na Serra nem na terra buscarei  
Cousa, que o tempo possa andar mudando.

Por donde quer que for, levantarei  
Os meus olhos ao Céu, de cuja vista  
Aquellas saudades colherei,

Com que possa fazer nova conquista  
Para me consumir no fogo puro  
D' amor de cujo amor divino vista

---

<sup>25</sup> Expressa em frases como estas: «E quem viver debaixo do penedo / Como Limabeu vive, he mais seguro: / Pois tudo há de acabar ou tarde, ou cedo.» écloga II, vv. 121-123.

Est' alma caminhando mais seguro,  
 Que buscando repouso nas montanhas;  
 (...) (...) (Écloga VII, vv.139-149)

mas, também, a «liberdade»:

Não falta nos desertos agoa clara,  
 A lapa que da calma me defende,  
 Se ventar, ou chover, tambem me ampara.  
 Alli tem liberdade, alli se estende  
 O pastor solitario com seu gado;  
 Não se offende d'alguem, ninguem offende.  
 (Écloga I, vv.19-24)

Viver longe do mundo e dos outros homens é, de facto, na poesia de Frei Agostinho da Cruz, o único estado em que o ser humano pode viver sem fazer concessões, ou compromissos com situações que o afastam do caminho ascético em direcção ao divino:

Mas pois a verdadeira liberdade  
 Depende de trazer o pensamento  
 Aceso na divina saudade;  
 De tudo o que me for impedimento  
 Para poder lograr um bem tamanho,  
 Determino fazer apartamento.  
 (Écloga VI, vv.49-54)

É assim que Almilão, pastor exemplar no universo bucólico destas éclogas, foge de falar com quem sobe a serra (écloga XII).<sup>26</sup> É assim, também, que todas as personagens dramatizadas nestes poemas justificam a sua escolha da vida religiosa. Esta última é também, designada como uma «sepultura»<sup>27</sup>. Trata-se, como se sabe, de um lu-

---

<sup>26</sup> Veja-se como Limabeu, na écloga XII, depois de interpelado por Mincio nos vv. 7-12: «Honte noite fechada, por acerto / (Não podendo acertar nunca de dia) / / Achei dois pescadores aqui perto, // Dos quais fui avisado que devia, / Antes que tu me visses, esconder-me; / Porque depois em vão te buscaria.» (...) lhe responde nos vv. 20-22: «He verdade que fujo, não to nego, / De conversar a muitos; porque sei / / Quão mal no gosto seu meu tempo emprego.»

<sup>27</sup> «Do pouco que me rende meu juízo / Julgo por grande aviso sepultar-me / / Aqui, donde buscar-me ninguém venha» diz-se, por exemplo, na écloga III, vv. 143-



gar comum da espiritualidade da época que também encontramos, por exemplo, na *Imagem da Vida Cristã* de Frei Heitor Pinto e em S. João da Cruz, expresso, na poesia de frei Agostinho, em termos de renascimento: é preciso morrer, para ressuscitar para uma vida nova:

Não colhem sem suar os lavradores;  
 Não nasce sem morrer primeiro o trigo:  
 Os mimosos não são para pastores»  
 (Écloga I, vv. 82-84)

Frei Agostinho da Cruz chama «desertos» aos locais do isolamento, mas uma leitura atenta permite verificar que só o são pelo facto de se encontrarem despovoados. De facto, trata-se aqui de verdadeiros *locus amoenus*, de «ermos» suavizados pela presença de um Deus que protege aqueles que o seguem e procuram a vida despojada:

[...] cá me estou  
 Numa lapa, da qual o mar Oceano,  
 Depois de a ter lavrada, se afastou.

Agora julga tu, qual peito humano  
 Me quisera largar seu aposento  
 Do Tejo natural, ou Limiano?

Além disso me deixa o mantimento  
 Pegado nos penedos; porque esteja  
 Seguro de mo vir levar o vento.

Tudo na sua praia me sobeja;  
 Tudo na vista sua me recrea;  
 A tudo fazer posso nella inveja.

Elle lavra, elle rega, elle semea.  
 Eu colho quando quero a sementeira;  
 Olha que amigo achei em terra alheia!  
 (Écloga XII, vv. 35-49)

Esta ideia de que Deus cuida dos que o seguem corresponde, como sabemos, a um *topos* das Escrituras, onde se exprime, especialmente no livro dos Salmos, em termos semelhantes aos usados nos

---

-145 mas são muitos os exemplos possíveis, disseminados ao longo das éclogas e da restante poesia de Frei Agostinho da Cruz.

textos que aqui nos ocupam.<sup>28</sup> Todavia, em Frei Agostinho da Cruz esta ideia está associada a numerosas descrições da prodigalidade da Natureza que se lêem *em todas as éclogas*, sem excepção, entre as quais destacamos a seguinte passagem, onde a imagem da abundância da Natureza e do seu carácter aprazível se associa à da meditação espiritual:

Não falta aqui da lenha para o frio,  
Agoa clara no rio alto, e suave,  
Que beba, em que me lave, contemplando  
Como se move brando n'uma parte,  
E noutra se reparte furioso,  
Tornando vagaroso para cima.  
Como murmura, e lima a pedra dura,  
E como se pendura o ramo verde;  
Como seus raios perde antes da tarde  
O sol, quando mais arde d' outra banda.  
Por antre a folha branda o passarinho  
O seu redondo ninho anda escondendo,  
Mil mudanças fazendo no seu canto,  
A cujo som levanto meu espirito,  
Choro, suspiro e grito: meu Senhor,  
Que morre por amor de quem o mata!  
(Écloga IV, vv.146-161)

Em suma, porque nada falta a quem segue a via do isolamento, quem o faz pode dedicar-se às ocupações que realmente importam à salvação: a penitência, o louvor de Deus e a contemplação. Fica ainda claro que aquele que assim se lança nesta via se torna um exemplo capaz de converter outros:

Soubeste desprezar cousas humanas,  
Soubeste grangear cousas divinas,  
Desenganado assi nos desenganas.  
  
Assaz claro, e seguro nos ensinas  
O caminho do Céu, pois que não tiras  
Da propria mão do remo as disciplinas  
(Écloga VIII, vv. 127-132)

---

<sup>28</sup> Vejam-se, a título ilustrativo do que acabamos de afirmar o salmo 22 (23) que começa, na versão da Vulgata: «Dominus regit me, et nihil mihi deerit», o salmo 33 (34), 18-19, o salmo 34 (35) «Benedicam Dominum in omni tempore», especialmente os versículos 9 e 16.

Como facilmente se observa trata-se, aqui, da caracterização de uma ascese, em cuja descrição abundam as imagens capazes de sugerir um movimento «de baixo para cima», para citar uma expressão da écloga XVII <sup>29</sup> traduzida, talvez, com mais clareza, no excerto seguinte da écloga XIII, onde surge, em termos platónicos, como resultado do «desejo» da alma «saúdosa» de Deus:

Com quanto menos pejo e menos carga  
 Pela via do Ceo se vai subindo,  
 Que na terra descendo pela larga!  
*Galapo.*  
 Ah! Quanta saudade está sentindo  
 Aquella alma ditosa no deserto,  
 De quem seu proprio Deus se está servindo.  
  
 Contemplando no Ceo caminho aberto,  
 A força dos suspiros que lhe ensina  
 O desejo de vê-lo de mais perto.  
  
 Ah! Doce saudade, alta, divina,  
 Da visão de seu Deus, em que se accende,  
 E quanto accessa mais, mais se refina.»  
 (Écloga XIII, vv. 92-103)

Como seria de esperar, deparam-se-nos, também, na descrição deste percurso ascensional as alusões a uma libertação da matéria, como as que encontramos na écloga XI, sublinhando o aliviar do peso:

O que mais leve vai, melhor caminha,  
 E mais pode inda passar além.  
 (Écloga XI, vv. 26-27)

e ao abandono da «terra», como nas afirmações seguintes:

Mas por amor suave, doce e brando  
 Daquelle Summo Bem, cuja lembrança  
 Da terra o coração vai desterrando  
 Confirmando no Céu sua esperança.  
 (Écloga XI, vv. 103-106)

---

<sup>29</sup> Nos vv. 211-213: «O qual pois permetio mudar o clima / as vontades tão bem permitirá / q se mudem de baixo para sima.»

assim como nestas palavras de incitamento de um pastor a outro, que parecem sugerir uma aceleração do movimento ascensional graças, também, ao ritmo tripartido dos versos:

Anda, que tu verás como desandas  
No mal, e desandando, como corres  
Correndo, como vôas, como abrandas  
A vida, com que vives, quando morres.  
(Écloga V, vv. 196-199)

Estas imagens têm por detrás uma visão neoplatónica, agustiniana da relação com o divino cuja exposição se faz - como aliás acontece na generalidade da obra poética deste autor - através de referências à «saudade de Deus», à harmonia (perdida) entre Deus e o Homem, à quebra dessa união pelo pecado original e à vida na Terra como um desterro da verdadeira pátria, bem como ao papel da graça de Deus no cumprimento do destino espiritual do ser humano e na elevação que conduzirá à fusão no amor divino, de que constituem um exemplo ilustrativo os versos seguintes:

Se aquelles a quem guerra não fazia  
Nenhum dos nossos móres tres imigos,  
Porque a serpente então pouco podia:  
  
(Fallo daquelles nossos pais antigos,  
Que não lograram inda hum dia inteiro,  
Quando livres estavam de perigos),  
  
Que farei eu de sua culpa herdeiro,  
Com tantas sobre tantas nesta vida,  
Antes mais propriamente cativo?»  
  
Em peccados, Senhor, foi concebida,  
Em peccados minh'alma foi creada,  
De peccados tão mal arrependida!  
  
Mas pois no vosso sangue foi lavada  
(Força de poderoso amor divino!)  
He justo que em Vós viva confiada.  
  
Viestes amostrar ao peregrino  
O caminho da sua natureza;  
Querer ir lá por outro é desatino.  
(Écloga I, vv. 55-72)

É difícil, hoje, determinar as fontes exactas desta maneira de ver a relação entre Deus e o ser humano presente, aliás, na generalidade dos autores que escrevem sobre espiritualidade nesta época. Por um lado, é possível reportá-la a Santo Agostinho, mas as imagens da vida terrena como «desterro» ou «exílio» da verdadeira pátria, e da «guerra» feita à alma pelas solicitações mundanas foram amplamente difundidas por um leitor agustiniano grandemente divulgado no século XVI: Francesco Petrarca. Frei Agostinho da Cruz conheceu, provavelmente, ambos e, na caracterização do amor de Deus e dos seus efeitos, utiliza a linguagem poética do amor herdada do *Canzoniere*, tão em voga no seu tempo. Encontramos, assim, também nas éclogas, conceitos petrarquistas, de que a transformação daquele que ama no ser amado constitui um caso paradigmático, sobretudo pelas implicações filosóficas que transporta consigo:

A dureza converte-se em brandura,  
Florece em todo o tempo a primavera,  
Torna-se em claro dia a noite escura.

Ah! Se nesse teu peito s'acendera  
Huma faísca só do amor divino,  
Quão docemente em si te convertera!  
(Écloga V, vv. 115-120)

Na exposição dos seus pontos de vista, Frei Agostinho da Cruz recorre frequentemente a motivos bíblicos facilmente integráveis na linguagem pastoril: Cristo é o cordeiro de Deus, os apóstolos e os seus equivalentes eclesiásticos (os religiosos) são pastores ou pescadores, Deus é o rochedo em que se apoia o cristão, Deus semeia e colhe os frutos da sua palavra, etc. Do mesmo modo encontramos integradas nestas composições adaptações de alguns textos das Escrituras, de que são exemplos mais evidentes o pastor «trespassado» pela voz de Deus da écloga XI, recordando o salmo 28 (29) (cujo início, na versão da *Vulgata* é: «Afferte Domino, filii Dei,») e os versos

Nasceo de novo aqui a primavera,  
Ouviu-se a voz da rola em nossa terra  
O ferro converteu-se em branda cera»  
(Écloga XIII, vv. 38-40)

claramente retirados de Cântico 2, 12 («Flores apparuerunt in terra nostra. / Tempus putationes advenit; / Vox turturis audita est in terra nostra;» na versão da *Vulgata*) bem como as frequentes imitações do salmo 137 (136) atribuído a David <sup>30</sup>.

É neste contexto, segundo cremos, que devem ser entendidas as referências à Natureza, sobretudo porque não são, nem tão numerosas, nem tão realistas como algumas vezes se tem afirmado <sup>31</sup>. Com efeito, as plantas, animais e elementos paisagísticos referidos encontram-se integrados num discurso de alcance metafórico onde funcionam, de um modo geral - um pouco à maneira do que se observa nos salmos bíblicos - como ponto de partida para símiles e imagens de alcance espiritual e místico. Os fenómenos naturais mencionados, por exemplo, são sempre os mesmos: «ventos», «tormenta» e «bonança», coincidentes com metáforas bíblicas, e usados com valor semelhante: os valores mundanos são «ventos» em cuja «fúria» põem os seus «fundamentos» quem vive «enganado» (écloga II), Deus sabe como se sofre com a má repartição de quem reparte «na bonança e na tormenta» (écloga VII), de nada serve «levantar tempestades no tempo da bonança» no mar de que escapou a esperança (écloga VIII), etc; o mesmo acontecendo com os trabalhos do campo referidos:

---

<sup>30</sup> Este é o texto das Escrituras mais frequentemente citado nos poemas de Frei Agostinho da Cruz aqui em análise; encontramos-lo trabalhado nas éclogas I, II, V, VIII e XII.

<sup>31</sup> Esta era a opinião de Maria de Lourdes Belchior como depreendemos das observações seguintes: «A Natureza é, no entanto, verdadeira na sua poesia: é a Natureza da Serra da Arrábida, serra áspera e altiva, debruada pelas águas verde-claras do mar-oceano.» in *Dicionário de Literatura Portuguesa*, Porto, Liv. Figueirinhas, vol. I, 1983, p. 242; e ainda: «Na serra, erma e deserta, o homem, de alma ferida pelo amor divino é solicitado pela saudade de Deus e medita de contínuo nas suas recusas de homem pecador e nos apelos de Deus que o perseguem. Apenas aqui e ali, uma ou outra nota pitoresca: *lapas pardas, penedos crespos, troncos encurvados, ruivos, salmonetes, vezugos, choupas, tainhas, medronho, esteva, aroeira, zimbro*, etc. Referentes à paisagem e à natureza da serra, que conhecia bem, estas e outras designações, assim como os topónimos, de que encontramos semeado o seu verso, contribuem para enraizar no concreto a poesia de Frei Agostinho da Cruz.» in «Frei Agostinho da Cruz: entre poesia e mística» in *Os Homens e os Livros, séculos XVI e XVII*, Lisboa, Verbo, 1970, p. 68. E ainda, em trabalho mais recente: «De assinalar que a natureza que os seus poemas descrevem é uma natureza realista, onde há alusão a lugares conhecidos e ao bravio dos penhascos e da flora da região.» in «Frei Agostinho da Cruz» *Biblos. Enciclopédia das Literaturas em Língua Portuguesa*, vol. I, p. 83.



«semear», «colher» e «pastar o gado», empregues da mesma forma: o amor divino «semeia rosas entre as boninas» (écloga IV), quem se entrega a Deus «inda bem não colhe, quando sega» (écloga V) quem canta o amor profano «colhe bem pouco do que semeia» (écloga III), etc.

Também a «serra» de que se fala na poesia de Frei Agostinho da Cruz não se define, simplesmente, como um lugar geográfico específico, identificável com qualquer das duas serras em que viveu (Sintra, Arrábida) <sup>32</sup> mas, antes, por oposição aos outros locais simbólicos que são «o povoado», «os campos», «a ribeira» e «junto do Tejo» (mesmo quando este último remete para Lisboa) que são os lugares de convívio entre os pastores. A serra é, afinal, o equivalente do «deserto», do «ermo» e da «montanha», metáforas da vida religiosa procurada por quem decide seguir os ditames da virtude. No *corpus* aqui em análise, merece referência particular um poema (a écloga IX) onde este contraste se faz numa progressão em três momentos <sup>33</sup>, sendo a vida «na montanha» apresentada como um estádio/local intermédio entre o «campo» e as «altas penedias» da praia ou seja, entre a vida em sociedade e a vida eremítica:

Determinei dos valles montezinhos  
(Que da ribeira já tinha fugido,  
Trocando lírios seus pelos espinhos),

Buscar um lugar tão escondido,  
Debaixo de tão altas penedias,  
Que nem pudesse ouvir nem ser ouvido.  
[...] [...]

Nesta lavada areia, em que me deito,  
Versos diversos canto dos primeiros,  
Que como pueris agora engeito.»  
(Écloga IX, vv. 40-45 e 91-93)

---

<sup>32</sup> O valor de «Serra» no *corpus* das éclogas, por exemplo, é idêntico, tanto nos poemas em que a Arrábida é expressamente referida, como nos outros, como a écloga II, muito provavelmente escritos bastantes anos antes de o frade se ter mudado para lá.

<sup>33</sup> Veja-se a este respeito, o artigo de Luís de Sá Fardilha «Natureza e Retórica em Frei Agostinho da Cruz», *Via Spiritus (Revista da Espiritualidade e do Sentimento Religioso)*, Porto, ano I, 1994, 111-132. Agradecemos aqui à Doutora Lourdes Rosa a indicação bibliográfica deste texto.

A ascese espiritual de que aqui se trata é, assim, reforçada pela evocação de uma subida - do «campo» para a «serra» (e para as «altas penedias da écloga IX) - na geografia simbólica dos textos.

Em suma, a leitura das éclogas deste autor permite verificar que se trata de um profundo conhecedor da tradição bucólica clássica renovada no Renascimento e dos modelos pelos quais esta se rege. Permite ainda observar uma vontade de conciliação entre as formas «novas» italianizantes e as estruturas peninsulares, de que é exemplo o emprego da cantiga de mote e voltas numa situação «canónica» de «canto ao desafio». No entanto, o universo pastoril descrito por Frei Agostinho da Cruz encontra-se subordinado aos grandes temas da sua obra, que aí surgem expostos de modo didáctico, tirando proveito da dramaticidade do género. Por fim, ao recorrer a metáforas e motivos comuns à poesia pastoril e ao discurso bíblico, este autor imprime nas suas éclogas as marcas distintivas da sua originalidade.

## Bibliografia

- ARANTES, Hemetério - *Frei Agostinho da Cruz. Notas à Margem d'uma História dos Quinhentistas*, Lisboa, Livraria Editora Guimarães e Cia, 1909.
- BARBOSA MACHADO - *Biblioteca Lusitana*, 4 vols., Coimbra, Atlântida Editora, 1965.
- BELCHIOR, Maria de Lourdes - «Poesia e mística: Frei Agostinho da Cruz» *Aufsätze zur portugiesischen Kulturgeschichte*, IV, 1964, 138-158, reimpresso em *Os Homens e os Livros. Séculos XVI e XVII*, Lisboa, Verbo, 1971, pp. 41-71.
- BELCHIOR, Maria de Lourdes - «Frei Agostinho da Cruz» *Dicionário de Literatura Portuguesa* (org. Jacinto do Prado Coelho), 3.<sup>a</sup> ed., Porto, Figueirinhas, 1983, vol. I, 242-243.
- BELCHIOR, Maria de Lourdes - «Frei Agostinho da Cruz» *Biblos. Enciclopédia das Literaturas em Língua Portuguesa*, Lisboa, Verbo, 1995, vol. I, pp. 82-83.
- CASTRO, Aníbal Pinto de - «Notas sobre a recepção de Sannazaro em Portugal» *Estudos Italianos em Portugal*, Lisboa, n.<sup>os</sup> 45-46-47, 1982, 1983, 1984, 185-206.

- CIRURGIÃO, António - «Frei Agostinho da Cruz e o *homo viator*» *Colóquio Letras*, nº 63, 1981, pp. 32-43.
- COSTA, Pe. Avelino de Jesus - «Diogo Bernardes e Frei Agostinho da Cruz» *Acção Católica*, Braga, ano XXIII, 1938, 463-489; ano XXIV, 1939, 21-35, 280-283, 480-508, 618-626; ano XXV, 1940, 89-109, 133-141, 409-421, 495-503, 555-571, 625-638.
- COSTA, Pe. Avelino de Jesus - «Quarto Centenário natalício de Frei Agostinho da Cruz» *O Povo da Barca*, 14,21,28 Maio de 1939; 4 e 11 Junho 1939; 19 e 26 Novembro 1939; 10, 17 e 24 de Dezembro de 1939.
- COSTA, Pe Avelino de Jesus - «A Eterna Questão da naturalidade de Diogo Bernardes e Frei Agostinho da Cruz» *Diário do Minho*, 10, 11 e 12 de Junho de 1938.
- COSTA, Dalila Pereira da - *Místicos Portugueses do século XVI*, Porto, Lello & Irmão, 1986.
- COSTA E SILVA, José Maria da - *Ensaio Biographico-Crittico sobre os melhores poetas portuguezes*, Lisboa, Imprensa Silviana, 1851.
- DIAS, José Sebastião da Silva - *Correntes do Sentimento Religioso em Portugal (Sécs XV a XVIII)*, Tomo I, Coimbra, 1961.
- FARDILHA, Luís de Sá - «Natureza e Retórica em Frei Agostinho da Cruz» *Via Spiritus (Revista da Espiritualidade e do Sentimento religioso)*, Porto, ano I, 1994, 111-132.
- LIMA, Augusto César Pires de - *Frei Agostinho da Cruz (Mudança de Vida)* Porto, Imprensa Moderna, 1940.
- MARTINEZ, Maria Teresa Leal de - «Um Cancioneiro de Frei Agostinho da Cruz» sep. da revista *Ocidente*, vol. LXXXII, Lisboa, 1972,
- MARTINHO, Fernando - «Frei Agostinho da Cruz e a Arrábida» *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. XXXVII, Paris, F. C. Gulbenkian, 1998, 283-294.
- MARTINS, Mário - «Frei Agostinho da Cruz e a Lenda de Santo Eustáquio» *Brotéria*, 117, 1983, 149-158.
- MARTINS, Mário - «Ecologia, Frei Agostinho da Cruz e a Arrábida» *Brotéria*, 121, 1985, 289-296
- MESQUITA E QUADROS - *Vida do Venerável Padre Frei Agostinho da Cruz*, Lisboa, na Régia Off. Typ., 1793.

- PIEDADE, Frei António da - *Espelho de Penitentes e Chronica de Santa Maria da Arrabida*, Lisboa, 1728.
- PIMPÃO, Álvaro Júlio da Costa - «Frei Agostinho da Cruz» *Biblos*, vol XV, Coimbra, 1939, tomo II, 299-302.
- RAFAEL, António Gil - «Filosofia e Crítica Textual» in Frei Agostinho da Cruz, *Sonetos e Elegias*, Lisboa, Hiena, 1994, pp. 1-35.
- SALVADO, António - «Itinerário Ascético de Frei Agostinho da Cruz» *Atlântida* vol. V, n.<sup>os</sup> 4-5, Julho-Outubro de 1961, 203-219.
- SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e - *Maneirismo e Barroco na Poesia Lírica Portuguesa*, Coimbra, Centro de Estudos Românicos, 1971.
- VASCONCELLOS, Carolina Michaëlis de - *A questão da naturalidade de Diogo Bernardes e Frei Agostinho da Cruz*, Ponte de Lima, Tip. Guimarães, 1924. Separata do *Almanaque de Ponte de Lima*, 1923, 5º ano.